

Resenha

RELIGIÃO E MAGIA NO ANTIGO EGITO

Wellington Rafael Balem¹⁵⁶

Rosalie David é uma egiptóloga britânica, doutora pela Universty of Liverpool e diretora do *Centre for Biological and Forensic Studies in Egyptology*, da Universidade de Manchester. A autora já escreveu e organizou dezenas de livros sobre o assunto. Este *Religião e Magia no Antigo Egito* foi publicado originalmente na Inglaterra pela editora Penguin Books, em 2002, e recebeu sua primeira edição brasileira em 2011, pela Difel. Com 598 páginas, além dos nove capítulos, o livro contém dois cadernos de fotografias referentes ao tema, um apêndice com coletâneas de textos religiosos e outro com os principais locais religiosos do Egito e da Núbia. Além disso, um glossário se faz presente ao final da obra elencando nomes de reis e rainhas, divindades e termos gerais utilizados na obra, substituindo notas explicativas.

A organização do livro em ordem cronológica, abrangendo um período de mais de 5000 anos, não foi escolhida por acaso. Trata-se de uma abordagem que quer demonstrar quando surgiram, quando permaneceram e quando se transformaram ou desapareceram os traços culturais religiosos e mágicos egípcios. A leitura de capítulos isolados ou aleatórios pode prejudicar a compreensão da obra, uma vez que vários temas transcendem a divisão temporal tradicional utilizada pela autora, na qual Antigo, Médio e Novo Reinos são entendidos como períodos de estabilidade política e os períodos Intermediários e Tardio são tidos como instáveis.

¹⁵⁶ Acadêmico do curso de História na Universidade de Caxias do Sul.

No primeiro, *A Criação da Civilização Egípcia*, a autora começa com uma reflexão sobre como o meio ambiente inspirou os egípcios na elaboração de suas crenças, destacando as duas noções de tempo, a de perpetuação e a cíclica. Analisa o recorrente “isolamento geográfico”, reservando algumas críticas a esse respeito. Então, distingue quatro tipos de fontes principais que permitiram sua pesquisa: monumentos, artefatos, fontes textuais e múmias.

O Surgimento da Religião (c. 5000-2686 a.C.), segundo capítulo, analisa os períodos e culturas que compõe a época pré-dinástica (Badariano, Nagada I e Nagada II). David critica a teoria da Raça Dinástica e atribui a gênese da realeza egípcia a eles mesmos e não a estrangeiros. Ela contextualiza os processos de unificação pré-dinásticas e, sem escapar dessa realidade social, identifica as primeiras manifestações de religiosidade nos enterramentos e mumificações naturais, bem como no culto dos primeiros deuses tribais e cósmicos. Através de análises sobre as primeiras práticas rituais aos mortos ou aos deuses locais e cósmicos, a autora busca encontrar as origens da cultura mágico-religiosa egípcia.

A partir do terceiro capítulo, *A Ascensão do Culto Solar* (c. 2686-2181 a.C.), a autora segue mais rigidamente a cronologia. Neste ela aborda o processo de crescimento e legitimação do poder dos reis e dos sacerdotes solares, bem como sua desestruturação e enfraquecimento no final do período.

No capítulo quatro, *Osíris, o Deus do Povo* (c. 2181-1786 a.C.), David evidencia o crescimento paralelo dos deuses Osíris, associado ao processo conhecido como “democratização da imortalidade”, e Amon, como patrono das dinastias militarizadas de Tebas que voltam a centralizar o poder do rei ao expulsar os invasores hicsos.

O quinto, *Religião e Império* (c. 1786-1400 a.C.) explica o estabelecimento do Império Egípcio militar e do processo de elevação de Amon-Rá ao *status* de senhor dos deuses. David também mostra como isso se refletiu na organização e nas práticas dos templos, intrinsecamente ligados à religião, à economia e ao poder.

O capítulo seis intitula-se e aborda a *Heresia de Amarna* (c. 1400-1320 a.C.). Aqui a autora busca indícios que mostram que as reformas promovidas por Akhenaton partiram de um arcabouço de concepções mais antigas. Discute também algumas hipóteses sobre as intenções político-religiosas de Akhenaton e sobre a ideia de monoteísmo.

O processo de retomada dos cultos de Amon, Rá, Ptáh e Osiris, do aumento do poder dos Faraós, principalmente sobre os sacerdotes, são analisados no sétimo capítulo, *O Retorno à Ortodoxia* (c. 1320-1085 a.C.). Além disso, David reflete sobre as práticas mágico-religiosas na vida diária, sobre as medidas egípcias para conter os roubos de tumbas e levanta o debate egiptológico sobre o êxodo hebreu.

Reis e Sacerdotes: o Conflito Final (1085-332 a.C.), oitavo capítulo, enfatiza como a rivalidade política entre essas duas potências sociais enfraqueceu o país oportunizando a entrada e o domínio estrangeiros. David também aborda as hipóteses sobre a resistência e a permanência das práticas religiosas tradicionais diante desse contexto.

O último capítulo, *Oriente e Ocidente: Conflito e Cooperação no Egito Greco-Romano* (332 a.C.-século IV d.C.), demonstra como a dinastia dos ptolomeus soube apoiar a religiosidade e os cultos nacionais do Egito visando legitimar seu poder. Os romanos, entretanto, impuseram suas leis e quebraram a ordem de organização egípcia, reduzindo o Egito ao “celeiro de Roma”. A autora também questiona a profundidade do processo de helenização e reflete sobre a desestruturação final das práticas religiosas na ocasião do crescimento do cristianismo desde o século I.

Escolher como recorte temático “religião e magia” para uma pesquisa sobre o Egito Antigo é quase o mesmo que não usar recorte algum e escrever sobre toda a gama de práticas culturais dessa civilização. A religião é a espinha dorsal de toda a lógica de organização egípcia e, tanto a magia, quanto o Estado e a economia não podem ser desvinculadas dela. O olhar ocidental sobre o Egito Antigo, muitas vezes, tornou reducionistas as abordagens de traços culturais dessa civilização. No caso da religião e da

magia, não é diferente. David, driblando as visões judaico-cristãs ocidentais, em nenhum momento estabelece diferenciações ou fronteiras entre religião e magia egípcias.

As temáticas não são abordadas de forma desconexa no livro de David. No entanto, as contextualizações feitas pela autora seguem sempre por um viés da história política, evidenciando relações entre reis e aristocracia e disputas por poder, mas sem forçar visões dicotômicas. Assim, as práticas ligadas à “religiosidade popular” quase não são discutidas por David, a não ser em casos específicos, como o do vilarejo de Kahun, de Deir el-Medina, em Akhetaton e nos períodos Tardio e Greco-Romano. Para a autora, a ausência de registros escritos referentes a esses grupos é o que impede que sejam estudados com segurança.

David se utiliza amplamente do trabalho de arqueólogos e egiptólogos desde o século XIX até o final do XX, com destaque ao trabalho de Petrie. Ao fazer isso, ela mapeia os sítios arqueológicos de acordo com a época e com o tema, já que a cultura material egípcia antiga está distribuída desigualmente no tempo e no espaço e, na maioria dos casos, não se pode fazer afirmações muito amplas.

Assim, ela recorre à documentação textual, a quais valoriza mais do que a arqueológica, seja ela egípcia ou não, antiga ou não. David dialoga com autores clássicos como Heródoto, Plutarco, Flávio Josefo e referências a Maneto, entre outros, sempre de forma bastante crítica. Os textos egípcios são utilizados largamente, dentro de seus contextos de produção ou circulação, e em muitos casos são citados no texto ou nos apêndices. Além disso, a obra está apoiada em sólidas referências historiográficas, o que permite à autora estabelecer um olhar privilegiado sobre as diferentes interpretações, principalmente sobre temas polêmicos, como a função das pirâmides, o êxodo hebreu ou as ideias monoteístas. Isso faz com que o livro deixe de ser apenas descritivo, como a maioria das obras destinadas também ao público em geral, e passe a ser analítico, indagador, mostrando lacunas nas pesquisas. Esse aspecto da obra contribui em muito com a egiptologia crescente no Brasil.



Referência Bibliográfica

DAVID, Rosalie. **Religião e Magia no Antigo Egito**. São Paulo: Difel, 2011.